

VELHICES DISSIDENTES: Discursos Midiáticos, Reconhecimento Social e Modos de Subjetivação da Pessoa Idosa LGBTQ+

DISSIDENT OLD AGES: Media Discourses, Social Recognition and Modes of Subjectivation of LGBTQ+ Elderly People

Kemyle Alves Moreira
Vinicius Novais Gonçalves de Andrade
Bruno Fiúza Franco

RESUMO: Entre as pessoas idosas, a população LGBTQ+ enfrenta desafios particulares, sendo marcada por um duplo processo de marginalização, tanto pelo etarismo quanto pela discriminação relacionada à orientação sexual e à identidade de gênero. Este artigo tem o objetivo de analisar as práticas discursivas sobre as velhices LGBTQ+ nos veículos de informação digital de cunho jornalístico de grande circulação, buscando compreender como esses discursos produzem sentidos sobre essas velhices dissidentes, modos de subjetivação e reconhecimento social. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, orientada pela análise do discurso foucaultiana, fundamentada no construcionismo social. Os resultados apontaram que as velhices LGBTQ+ são representadas majoritariamente por discursos de vulnerabilidade, solidão e exclusão, enquanto afeto, desejo e pertencimento aparecem de forma limitada ou silenciada. Assim, conclui-se que os discursos midiáticos participam da produção de subjetividades e do reconhecimento social, reforçando tanto a invisibilidade quanto a marginalização das velhices LGBTQ+.

Palavras-chave: velhices dissidentes; LGBTQ+; discursos midiáticos; subjetivação.

ABSTRACT: Among older adults, the LGBTQ+ population faces particular challenges, marked by a double process of marginalization, both through ageism and discrimination related to sexual orientation and gender identity. This article aims to analyze the discursive practices surrounding LGBTQ+ aging in high-circulation digital journalistic media, seeking to understand how these discourses produce meanings about these dissident old ages, as well as modes of subjectivation and social recognition. This is a qualitative, exploratory study, guided by Foucauldian discourses analysis, grounded in social constructionism. The results showed that LGBTQ+ old ages are predominantly represented through discourses of vulnerability, loneliness, and exclusion, while affection, desire, and belonging appear in limited or silenced ways. Thus, it is concluded that media discourses participate in the production of subjectivities and social recognition, reinforcing both the invisibility and the marginalization of LGBTQ+ aging.

Keywords: dissident aging. LGBTQ+. media discourses. subjectivation.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo parte da premissa de que, embora o envelhecimento seja tema cada vez mais presente nos debates acadêmicos e sociais, nem todas as formas de envelhecer recebem a mesma atenção. As pessoas idosas LGBTQ+¹ permanecem quase ausentes dos discursos midiáticos e das políticas públicas, o que contribui para sua marginalização e para a manutenção de estigmas em torno do corpo envelhecido e dissidente. Conforme Debert (1999), a velhice contemporânea passa a ser regulada por exigências de autonomia, produtividade e envelhecimento bem-sucedido, enquanto Louro (1997) demonstra que gênero e sexualidade são atravessados por normas que delimitam quais corpos e modos de existência são reconhecidos como legítimos.

Quando esse envelhecer se apresenta de forma dissidente, isto é, atravessado por marcadores sociais como gênero, sexualidade, raça e classe, essa marginalização se intensifica. Em um estudo nacional com pessoas LGBTQ+ de 50 anos ou mais – critério adotado com base na literatura sobre envelhecimento desse público –, Crenitte et al. (2023) identificaram que essa população enfrenta piores condições de acesso à saúde do que as pessoas não LGBTQ+. Isso evidencia por uma maior probabilidade de pertecerem ao grupo com pior acesso aos serviços, menores taxas de exames preventivos de câncer e relatos de experiências negativas no atendimento. A amostra do estudo teve média de 60 anos de idade e revelou que 31% do grupo LGBTQ+ estava na faixa de pior acesso à saúde, em comparação com 18% do grupo não LGBTQ+. Esses dados evidenciam que, apesar dos avanços nas discussões sobre diversidade sexual e de gênero, pessoas idosas LGBTQ+ ainda enfrentam múltiplas formas de exclusão, vulnerabilidade e preconceito, ocupando, frequentemente, posições de menor reconhecimento social (Butler, 2019).

Nesse contexto, torna-se relevante investigar como essas existências são representadas socialmente, especialmente nos discursos midiáticos, importantes espaços de produção de sentidos e reconhecimento social. Conforme Foucault (1979), os discursos não apenas descrevem a realidade, mas produzem regimes de verdade que regulam os corpos, os comportamentos e os modos de existência

¹ Cabe ressaltar que neste trabalho será utilizada a sigla LGBTQ+ para se referir a lésbicas, gays, bissexuais, pessoas trans (travestis e transexuais) e demais identidades de gênero e orientações sexuais dissidentes, ou seja, identidades de gênero e formas de viver a sexualidade que se afastam da norma heterossexual e cisgênera. Opta-se por essa forma abreviada por sua ampla difusão nos estudos e políticas públicas brasileiras, sem desconsiderar a complexidade e pluralidade que o símbolo “+” representa.

socialmente reconhecidos. Assim, pensar a velhice LGBTQ+ implica compreender como determinadas narrativas midiáticas participam da normalização de certas formas de envelhecer e da marginalização de experiências dissidentes.

Essa discussão torna-se ainda mais urgente diante do envelhecimento populacional brasileiro. Dados do IBGE (2023) apontam que a população brasileira idosa aumentou 56% entre 2010 e 2022, revelando transformações significativas na estrutura demográfica do país e exigindo novas reflexões sobre as demandas sociais e subjetivas produzidas por esse fenômeno. No interior desse grupo, pessoas idosas LGBTQ+ vivenciam desafios específicos, atravessadas por um duplo processo de marginalização: o etarismo — discriminação baseada na idade e na desvalorização da velhice — e a discriminação ligada à orientação sexual e à identidade de gênero.

Para Debert (1999), a valorização do envelhecimento ativo e autônomo, amplamente difundida pela mídia e pela cultura do consumo, redefine socialmente a velhice e reforça normas corporais e morais que marginalizam experiências que escapam da heteronormatividade. Discutir as velhices dissidentes significa, portanto, refletir sobre quais corpos podem envelhecer com reconhecimento social, dignidade e legitimidade e quais permanecem relegados à invisibilidade e ao silenciamento.

Nessa direção, Nogueira (2001) compreende as relações de gênero e os processos de subjetivação a partir da construção social das subjetividades no nível do discurso, atravessadas por contextos históricos, culturais e pelas relações de poder. De modo semelhante, Butler (2019) afirma que determinados corpos só se tornam inteligíveis quando correspondem às normas que regulam gênero, sexualidade e reconhecimento, enquanto aqueles que escapam a essas normas tendem a ocupar posições de abjeção e exclusão.

Diante desse cenário, emergem algumas questões centrais para este trabalho: quais são os principais discursos sobre a velhice LGBTQ+ que se mostram recorrentes na mídia jornalística brasileira contemporânea? Como essas narrativas influenciam o reconhecimento social das pessoas idosas LGBTQ+?

Nesse contexto, cabe à Psicologia, em seu compromisso ético e social, fomentar discussões sobre as velhices LGBTQ+ e compreender as dimensões subjetivas do envelhecer enquanto gay, lésbica, bissexual, trans, travesti, entre outras experiências dissidentes, em uma sociedade marcada pelo etarismo, pelo binarismo de gênero — reconhecimento de apenas duas possibilidades legítimas de gênero, o masculino e o feminino — e pela homofobia.

Psicologias em Movimento - v.6, n.1: Jan-Jul, 2026

Por fim, este artigo tem como objetivo analisar as práticas discursivas sobre as velhices LGBTQ+ em veículos de informação digital de cunho jornalístico e de grande circulação, buscando compreender como esses discursos produzem sentidos sobre o envelhecimento LGBTQ+, modos de subjetivação e formas de reconhecimento social.

2 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, orientada pela análise discursiva de perspectiva foucaultiana. A abordagem qualitativa foi escolhida por possibilitar a compreensão dos processos de produção de sentido presentes nos discursos midiáticos, considerando seus aspectos simbólicos, sociais e ideológicos. O caráter exploratório justifica-se pela investigação de um campo ainda pouco visibilizado na produção acadêmica e social: o envelhecimento da população LGBTQ+.

No que se refere ao percurso metodológico, a pesquisa fundamenta-se na análise do discurso proposta por Michel Foucault, que compreende o discurso como uma prática produtora de saberes², regimes de verdade³ e modos de subjetivação⁴. Nessa perspectiva, os discursos participam da constituição de normas sociais e da definição de quais corpos e existências são reconhecidos como legítimos. Como afirma Foucault (1971, p. 10), “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual queremos nos apoderar”.

A escolha pela análise de mídias digitais e jornalísticas justifica-se pelo papel central que esses espaços ocupam na produção e circulação de discursos e práticas sociais sobre o envelhecimento e sobre as identidades LGBTQ+. As mídias não apenas informam, mas também reproduzem performances sociais⁵, reforçam normas e delimitam lugares de pertencimento ou exclusão, atuando como dispositivos simbólicos que influenciam o reconhecimento social de determinados

² Segundo Foucault (1969) os discursos são conjunto de enunciados com regras próprias de formação e não apenas um conjunto de palavras ou um texto. Nesse sentido, o saber não se constitui como reflexo da realidade, mas nas práticas discursivas.

³ Para o mesmo autor, os discursos são selecionados, controlados e organizados por procedimentos de exclusão, assim, eles produzem efeitos de verdade (Foucault, 1971).

⁴ São processos pelos quais os indivíduos são formados e se reconhecem como sujeitos.

⁵ Processo contínuo de construção de identidade através da repetição de normas (Louro, 2001).
Psicologias em Movimento - v.6, n.1: Jan-Jul, 2026

sujeitos (Louro, 2004).

O corpus da pesquisa foi composto por reportagens publicadas nos portais jornalísticos digitais G1, Veja e UOL. A escolha desses veículos fundamentou-se em sua ampla circulação nacional, expressiva audiência e relevância na produção e disseminação de informações no contexto brasileiro, além da disponibilidade de acesso gratuito ao conteúdo, o que amplia seu alcance social.

A coleta das reportagens foi realizada por meio de busca no navegador *Google Chrome*, utilizando a ferramenta de pesquisa avançada em aba anônima, com o objetivo de reduzir interferências decorrentes da personalização algorítmica. Foram utilizados como descritores os termos: “idosos LGBTQIA+”, “velhice LGBTQIA+ no Brasil”, “idosos LGBTQIA+”, “envelhecimento população LGBTQIA+” e “terceira idade LGBTQIA+”. Como critérios de refinamento, delimitou-se o idioma para português, a região para o Brasil e o período de publicação entre os anos de 2023 e 2025.

O recorte temporal entre 2023 e 2025 foi definido com base em critérios de atualidade e relevância social, buscando contemplar produções discursivas recentes sobre as velhices LGBTQIA+ em veículos digitais de grande circulação. Esse período corresponde a um momento de reconfiguração dos debates públicos no Brasil, especialmente no que se refere às pautas de diversidade e direitos humanos no contexto pós-pandemia e de mudanças políticas institucionais. Além disso, a delimitação temporal contribui para a constituição de um corpus viável e analiticamente consistente.

Após a seleção do material, realizou-se leitura exploratória e analítica das reportagens, buscando identificar recorrências, regularidades discursivas e modos de representação da velhice LGBTQIA+. A análise voltou-se para a compreensão de quais discursos se mostram predominantes, quais permanecem sem espaço de enunciação e quais efeitos de reconhecimento social e de subjetivação emergem dessas narrativas.

Por se tratar de uma pesquisa desenvolvida exclusivamente com materiais de acesso público e sem interação direta com participantes, não houve necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa, conforme estabelece a Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde. Ainda assim, a condução deste estudo orienta-se pelos princípios éticos da profissão, em

consonância com o Código de Ética Profissional do Psicólogo⁶.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Seleção das reportagens

O processo de constituição do *corpus* documental seguiu critérios de refinamento, baseados no recorte temporal definido para este artigo (2023–2025) e na pertinência discursiva em relação às velhices LGBTQ+. O detalhamento da seleção por veículo apresenta-se da seguinte forma:

- Portal G1: a busca avançada retornou inicialmente dez reportagens. Excluíram-se duas por critério temporal (2019 e 2021) e uma por inadequação discursiva (nota informativa sobre a Parada LGBTQ+), resultando em sete reportagens.
- Revista Veja: Identificaram-se quatro reportagens iniciais. Destas, uma foi excluída por não atender ao critério temporal, por ter sido publicada em 2021. Outras duas foram descartadas por não se adequarem ao critério discursivo: uma abordava apenas a velhice heteronormativa, e a outra consistia no download de uma revista da década de 1970, sem relação com o tema investigado. Restou, portanto, apenas uma reportagem.
- Portal UOL: Identificaram-se quatro reportagens, das quais três foram excluídas por estarem fora do marco temporal (2014, 2018 e 2020), consolidando uma reportagem.

Dessa forma, o *corpus* final da análise é composto por nove reportagens, as quais articulam o recorte cronológico estabelecido às práticas discursivas sobre as velhices dissidentes.

3.2 Divisão dos eixos discursivos

A partir da leitura analítica das notícias selecionadas, foi possível agrupar as reportagens em dois eixos discursivos principais: 1) produção de sentidos e regimes de verdade e 2) limites do dizível. Esses eixos foram organizados de acordo com a

⁶ Especialmente no que se refere ao compromisso com a promoção da dignidade, da liberdade, da igualdade e da integridade do ser humano, bem como com o enfrentamento de práticas discriminatórias e excludentes (CFP, 2005).
Psicologias em Movimento - v.6, n.1: Jan-Jul, 2026

recorrência de termos e as proximidades discursivas identificadas.

Sendo assim, essa sistematização permitiu a construção do quadro a seguir, que exemplifica o enquadramento das reportagens e os termos correlatos que fundamentam cada eixo.

Quadro 1 – Análise Preliminar

Núcleo Discursivo (Categorias de Análise)	Discursos e Enunciados	Fontes (Reportagens)
1. Produção de Sentido e Regimes de Verdade	Invisibilidade; o medo da institucionalização; exclusão das políticas; o saber médico e a patologização; a vulnerabilidade social como “verdade”; a construção do idoso “dependente”.	G1-1 (2023), G1-2 (2024), G1-3 (2024), G1-4 (2025), G1-6 (2025), G1-7 (2025), VEJA (2024), UOL (2023).
2. O Limite do Dizível (Linhas de Fuga)	Práticas de liberdade; resistência pelo afeto; visibilidade digital; o beijo e o casamento como ruptura do interdito.	G1-2 (2024), G1-4 (2025), G1-5 (2025).

Fonte: elaborado pela autora (2026)

Portanto, a discussão será organizada em dois eixos centrais: o primeiro, voltado à produção de sentidos e aos regimes de verdade que consolidam determinadas representações sobre o envelhecimento LGBTQ+; e o segundo, direcionado aos limites do dizível, buscando compreender aquilo que permanece silenciado, interditado ou reconhecido apenas como exceção no campo discursivo.

3.3 Produção de sentidos e regimes de verdade

Esta discussão não se limita à descrição dos conteúdos presentes nas reportagens, mas busca investigar como determinados enunciados produzem supostas verdades sobre o envelhecimento LGBTQ+ e quais efeitos de subjetivação e reconhecimento social emergem dessas construções discursivas. Parte-se da compreensão foucaultiana de que o discurso não opera apenas como representação da realidade, mas como prática produtora de saberes, normas e modos de existência e de estabelecimento de relações de poder. Para Foucault (1971), os

discursos são atravessados por relações de poder que definem quais narrativas ganham legitimidade social e quais experiências permanecem à margem.

Nesse sentido, pensar as velhices dissidentes implica compreender experiências que desafiam os modelos normativos de envelhecer e de viver o gênero e a sexualidade. Tais existências tensionam a lógica de um envelhecimento socialmente legitimado, geralmente associado à produtividade, à autonomia, à juventude e à manutenção de padrões cisheteronormativos⁷ (Louro, 1997).

No material analisado, observa-se a recorrência de termos como “solidão”, “invisibilidade”, “isolamento” e “falta de acesso”, além de campos semânticos associados à vulnerabilidade e à ausência de suporte institucional. Essas repetições não apenas descrevem experiências concretas, mas também participam da produção de “verdades” sobre o envelhecimento LGBTQ+, associando-o predominantemente à falta, ao sofrimento e à exclusão.

Ainda na lógica foucaultiana, cada sociedade produz seus próprios regimes de verdade, isto é, mecanismos históricos e institucionais que definem quais discursos serão reconhecidos como legítimos e quais sujeitos poderão tornar-se socialmente inteligíveis. A verdade, nessa perspectiva, não se apresenta como algo neutro, mas como efeito de relações de poder que selecionam, organizam e validam determinados enunciados em detrimento de outros (Foucault, 1979).

Assim, quando a velhice LGBTQ+ é reiteradamente associada à solidão, ao abandono e à invisibilidade, não se trata apenas da descrição de experiências concretas, mas da consolidação de uma forma específica de reconhecimento social, na qual esses sujeitos passam a ser compreendidos prioritariamente a partir da vulnerabilidade. Os veículos de comunicação, nesse processo, atuam como instâncias de manutenção desses regimes de verdade, reforçando determinadas formas de reconhecimento e silenciando outras possibilidades de envelhecer, como o pertencimento comunitário, as redes de afeto, a resistência e a produção de novas formas de cuidado.

Na reportagem G1-3, observa-se a seguinte afirmação de um médico:

Não temos certeza, mas é possível que elas [idosas lésbicas] simplesmente escondam essa questão da sexualidade para terem uma reinserção na

⁷ Entende-se por cisheteronormatividade o regime de normas sociais que presume a heterossexualidade e a cisgeneridade – identidade de gênero que corresponde ao sexo biológico atribuído no nascimento –, como padrões naturais, universais e desejáveis (Louro, 2004).
Psicologias em Movimento - v.6, n.1: Jan-Jul, 2026

família e talvez fugir da solidão. É como voltar para dentro do armário, como se estivessem fazendo um movimento contrário (G1 Campinas e Região, 2024)

De modo semelhante, na reportagem G1-6 destaca-se que:

Durante a transição e até os dias atuais, o isolamento social também se mostrou um dos grandes desafios para a consultora jurídica. Muitos membros da família ainda não respeitam seu nome social e a seguem chamando pelo nome de registro (G1 São Paulo, 2025).

A tensão deste eixo de discussão não consiste em questionar a veracidade dessas experiências, tampouco em deslegitimar as vulnerabilidades concretamente vividas por essa população, mas em analisar como sua repetição discursiva produz efeitos de verdade. Quando determinados corpos passam a ser representados predominantemente a partir do sofrimento, da solidão e do isolamento, constrói-se uma forma específica de inteligibilidade social, na qual essas existências se tornam reconhecíveis prioritariamente pela falta (Foucault, 1971).

Essa lógica aparece também na reportagem G1-7:

Toda a estética construída sobre a população LGBTQIA+ está ligada à juventude, à força e à beleza. Envelhecer é doloroso para essa população porque vem acompanhado de solidão, silenciamento e perda daquilo que foi construído ao longo do tempo (G1 Feira de Santana e região, 2025).

A recorrência desses enunciados evidencia como a velhice LGBT+ tende a ser simbolicamente reduzida à precariedade. Não se trata de negar a materialidade dessas experiências, mas de problematizar como sua repetição limita outras formas possíveis de existência e reconhecimento, cristalizando essas velhices em uma posição social de carência permanente.

Segundo Nogueira (2001), a subjetividade e as identidades não devem ser compreendidas como essências fixas ou naturais, mas como produções discursivas historicamente situadas e atravessadas por relações de poder. A repetição de determinados enunciados não apenas nomeia experiências, mas estabiliza posições de sujeito e produz regimes de inteligibilidade social, nos quais certas vidas se tornam reconhecíveis e outras permanecem à margem.

Nesse sentido, quando o envelhecimento LGBT+ é reiteradamente associado ao abandono, à exclusão e à ausência de pertencimento, o sujeito deixa de ser reconhecido em sua pluralidade e passa a ser inteligível prioritariamente pela falta:

falta de família, de cuidado, de legitimidade e de reconhecimento social. Essa operação discursiva produz uma redução identitária que restringe simbolicamente outras possibilidades de envelhecer e existir (Nogueira, 2001).

Além disso, esse processo não se limita ao campo do reconhecimento externo. As pessoas constroem suas identidades nos e por meio dos discursos disponíveis socialmente, de modo que repertórios discursivos de inadequação, solidão e não pertencimento também atravessam a forma como os sujeitos compreendem a si mesmos (Nogueira, 2001). Dessa forma, a marginalização não opera apenas no campo social, mas também na experiência subjetiva, influenciando como essas pessoas se percebem, se apresentam e, muitas vezes, silenciam partes de si mesmas, como materializa o fenômeno chamado “retorno ao armário”.

3.4 Limites do dizível

A análise discursiva não se limita aos enunciados explicitamente formulados, mas exige atenção também ao que permanece ausente, silenciado ou impossibilitado de aparecer. Os discursos operam tanto pelo que dizem quanto pelos limites que estabelecem sobre aquilo que pode ser nomeado, reconhecido e legitimado socialmente. Reforçando a lógica foucaultiana desenvolvida no eixo anterior, nem todos os sujeitos possuem igual possibilidade de fala, e nem todas as experiências encontram legitimidade para serem enunciadas. Os discursos são regulados por mecanismos que selecionam quais narrativas circulam e quais permanecem interditadas (Foucault, 1971).

Entre as nove reportagens analisadas, apenas três apresentaram elementos discursivos que deslocavam parcialmente a velhice LGBTQ+ da lógica predominante da vulnerabilidade, trazendo aspectos relacionados ao afeto, à sexualidade, ao desejo e ao pertencimento. Ainda assim, apenas uma delas abordava essas experiências de forma central, enquanto as demais permaneciam atravessadas por narrativas de exclusão, luta e precariedade.

Esse movimento pode ser observado já no título da reportagem G1-2, que enuncia: “Idosos LGBTQIA+ encontram acolhimento na internet: ‘Também temos o direito de sermos felizes’”. A própria formulação revela que o prazer e a felicidade na velhice LGBTQ+ não aparecem como vivências esperadas pela sociedade, mas como algo que ainda precisa ser reivindicado e legitimado. A felicidade, nesse

Psicologias em Movimento - v.6, n.1: Jan-Jul, 2026

contexto, surge menos como uma condição reconhecida e mais como possibilidade que necessita de autorização simbólica. Dessa forma, percebe-se que, mesmo quando outras formas de envelhecer emergem, elas ainda ocupam um lugar de exceção no campo do dizível.

Ainda nessa discussão, o afeto dissidente, ao ocupar o espaço público, frequentemente precisa ser legitimado por um discurso de resistência, em vez de ser reconhecido como uma vivência ordinária do envelhecimento. A reportagem G1-5, intitulada “Beijos de resistência”, evidencia esse movimento ao transformar a expressão afetiva em um acontecimento político. O próprio enquadramento da narrativa demonstra que o amor LGBTQ+ na velhice não aparece como experiência cotidiana naturalizada, mas como ato de enfrentamento e afirmação pública da existência. Dessa forma, o beijo deixa de ser apenas manifestação de afeto e desejo e passa a operar como símbolo de luta por reconhecimento social. Assim, determinadas vidas precisam continuamente justificar sua legitimidade, enquanto outras já são previamente reconhecidas como dignas de visibilidade, afeto e pertencimento (Butler, 2019).

3.5 O apagamento do desejo e da sexualidade na velhice LGBTQ+

Observa-se que o desejo, o erotismo e a sexualidade aparecem de forma rarefeita ou quase ausente, revelando que esses corpos ainda enfrentam limites importantes no campo do dizível. Essa ausência não é casual, mas resultado de uma organização social que define quais sexualidades podem ser reconhecidas como legítimas. Segundo Louro (1997), gênero e sexualidade são construções sociais atravessadas por normas que delimitam fronteiras entre o normal e o desviante. A velhice, socialmente associada à perda da sexualidade e à dessexualização dos corpos, torna-se ainda mais regulada quando atravessada pela dissidência sexual e de gênero, produzindo um duplo apagamento: o do corpo idoso e o do corpo LGBTQ+ como sujeito desejante.

Entre o material do *corpus* analisado, observa-se que as narrativas sobre pessoas idosas LGBTQ+ concentram-se majoritariamente em temas como solidão, vulnerabilidade e exclusão, enquanto aspectos relacionados ao afeto, ao prazer e à sexualidade aparecem de forma pontual. Mesmo quando o amor e a conjugalidade emergem (G1-5), são apresentados como exceção ou ato político, e não como

experiência ordinária do envelhecimento.

Conforme Butler (2019), determinadas vidas só se tornam inteligíveis quando correspondem às normas que regulam gênero, sexualidade e reconhecimento social. Quando o desejo na velhice LGBTQ+ não encontra espaço de nomeação ou aparece apenas como resistência, esses sujeitos permanecem em posições de reconhecimento precário. O problema não está apenas na ausência de representação, mas na dificuldade de serem reconhecidos como corpos legítimos para o afeto, o prazer e a permanência do desejo.

Nessa direção, Nogueira (2001) compreende que os sujeitos constroem suas identidades nos e por meio dos discursos disponíveis socialmente. Quando o envelhecimento LGBTQ+ é reiteradamente desvinculado do desejo e do prazer, produz-se não apenas um efeito de invisibilidade social, mas também uma limitação simbólica sobre as possibilidades de existir e reconhecer-se como sujeito desejante.

3.6 Silêncio e apagamento

Até este momento, discutiu-se aquilo que aparece de forma predominante nas práticas discursivas, bem como aquilo que permanece sem espaço de enunciação. No entanto, outro aspecto fundamental para a análise consiste em problematizar a própria escassez de reportagens encontradas sobre as velhices dissidentes LGBTQ+. Considerando o recorte temporal de três anos e o fato de se tratar dos maiores portais de notícias de alcance nacional e acesso gratuito, essa escassez não se apresenta como um dado secundário, mas como um elemento discursivamente significativo.

O *corpus* foi composto por apenas nove reportagens, dado que, evidenciado durante o processo de busca e seleção, não se configura como uma ausência neutra, mas como efeito de um apagamento social e simbólico. Sob a perspectiva foucaultiana, compreende-se que o silêncio também integra os regimes de produção de verdade, delimitando aquilo que pode ou não ser dito. Conforme o autor:

[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (Foucault, 1971, p. 8-9).

A escassez de reportagens não produz apenas invisibilidade midiática, mas também dificulta a inscrição dessas existências no campo do reconhecimento social. Quando a velhice LGBTQ+ aparece de forma rara e fragmentada no espaço jornalístico, reforça-se a ideia de que esses sujeitos ocupam um lugar periférico na experiência social do envelhecimento. Nesse sentido, não ser narrado também significa reduzir as possibilidades de ser reconhecido, lembrado e socialmente legitimado.

Nessa direção, pensar o envelhecimento como processo social e político exige ultrapassar sua compreensão estritamente biológica e considerar dimensões históricas, subjetivas e simbólicas. Bosi (1979), ao discutir a velhice, propõe compreendê-la como experiência atravessada pela memória, espaço em que o sujeito reconfigura sua identidade e resiste ao apagamento social. Entretanto, essa memória é constantemente tensionada entre o reconhecimento e o esquecimento: em uma sociedade que valoriza o novo, lembrar-se e ser lembrado tornam-se atos políticos. No caso das pessoas idosas LGBTQ+, essa dualidade se intensifica. Suas lembranças, muitas vezes marcadas por exclusão e silêncio, desafiam o discurso hegemônico sobre o que é “envelhecer bem” e sobre quais histórias merecem permanecer.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo analisou as práticas discursivas sobre as velhices LGBTQ+ nos veículos jornalísticos digitais de grande circulação, buscando compreender como esses discursos produzem sentidos, modos de subjetivação e reconhecimento social. Observou-se que essas velhices são majoritariamente representadas por marcadores de vulnerabilidade, solidão, abandono e violência, o que restringe sua inteligibilidade à lógica do sofrimento e invisibiliza experiências atravessadas por afeto, autonomia e pertencimento.

Também se evidenciou que afeto, sexualidade e desejo aparecem de forma pontual e frequentemente vinculados à resistência e à necessidade de legitimação, enquanto a representação da velhice LGBTQ+ como corpo desejante permanece amplamente interdita. Essa ausência reforça a associação entre envelhecimento e

assexualidade, além de produzir subjetividades marcadas pela limitação das possibilidades de existir e ser reconhecido.

A escassez de reportagens encontradas revelou, ainda, que o apagamento não ocorre apenas no conteúdo das narrativas, mas também na própria ausência de visibilidade midiática, funcionando como mecanismo de exclusão simbólica e fragilizando o reconhecimento social dessas existências.

Embora a complexidade do tema envolva outros marcadores sociais, como raça, classe, territorialidade, deficiência e geração, este estudo não pretendeu esgotar a discussão, mas contribuir para o debate no campo da Psicologia sobre os modos de subjetivação da população idosa LGBTQ+. Ao problematizar visibilidade, silêncio e reconhecimento, busca-se tensionar discursos normativos e ampliar reflexões ético-políticas comprometidas com a pluralidade das velhices e com condições mais dignas de existência para sujeitos historicamente marginalizados.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz; Edusp, 1979.

BRASIL. **Conselho Nacional de Saúde**. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 24 de maio 2016.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo”. Tradução de Ricardo Giusti. São Paulo: n-1 edições, 2019. Disponível em: https://transreads.org/wp-content/uploads/2021/07/2021-07-28_61015fcd45193_CorposqueimportamoslimitesdiscursivosdosexoPortuguezeEditonbyJudithButlerz-lib.org_.pdf.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2005.

CRENITTE, M. R. F. et al. Transforming the invisible into the visible: disparities in the access to health in LGBTQ+ older people. **Clinics**, v. 78, p. 5, 2023.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

FOUCAULT, M. (1969). **A Arqueologia do Saber**. Luiz Felipe Baeta Neves (trad). Rio de Janeiro, Forense Universitária..

FOUCAULT, M. (1971). **A Ordem do Discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Laura Fraga de Almeida Sampaio (trad). São Paulo, Editora Loyola.

FOUCAULT, M. (1969). **Microfísica do Poder**. Organização, introdução e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

G1 FEIRA DE SANTANA E REGIÃO. **Envelhecimento para LGBTQIA+**: população aponta desafios e cobra acolhimento. Feira de Santana, 28 jun. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/feira-de-santanaregiao/noticia/2025/06/28/envelhecimento-para-lgbtqia-populacao-apontadesafios-e-cobra-acolhimento.ghtml>. Acesso em: 7 maio 2026.

G1. **Idosos LGBTQIA+ encontram acolhimento na internet**: “Também temos direito de ser felizes”. São Paulo, 27 abr. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/poparte/diversidade/noticia/2024/04/27/idosos-lgbtqia-encontram-acolhimento-nainternet-tambem-temos-direito-de-ser-felizes.ghtml>. Acesso em: 7 maio 2026.

G1 CAMPINAS E REGIÃO. **Homens gays e socialmente vulneráveis**: quem são os pacientes do 1º ambulatório para idosos LGBTQIA+ do Brasil. Campinas, 28 jun. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2024/06/28/homens-gays-e-socialmente-vulneraveis-quem-saoos-pacientes-do-1o-ambulatorio-para-idosos-lgbtqia-do-brasil.ghtml>. Acesso em: 7 maio 2026.

G1 SÃO PAULO. **Beijos de resistência**: primeiro casal gay a se casar oficialmente e outros pares LGBT idosos celebram amor na Avenida Paulista; veja fotos. São Paulo, 23 jun. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2025/06/23/beijos-de-resistencia-primeiro-casal-gay-a-se-casarooficialmente-e-outros-pares-lgbt-idosos-celebram-amor-na-avenida-paulistaveja-fotos.ghtml>. Acesso em: 7 maio 2026.

G1 SÃO PAULO. **Orgulho invisível**: idosos LGBT enfrentam solidão, falta de políticas públicas e “volta ao armário”. São Paulo, 28 jun. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2025/06/28/orgulho-invisivel-idososlgbt-enfrentam-solidao-falta-de-politicas-publicas-e-volta-ao-armario.ghtml>. Acesso em: 7 maio 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2022**: número de pessoas com 65 anos ou mais de idade cresceu 57,4 % em 12 anos. Agência de Notícias IBGE, Rio de Janeiro, 27 out. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38186-censo-2022-numero-de-pessoas-com-65-anos-ou-mais-de-idade-cresceu-57-4-em-12-anos>. Acesso em: 11 nov. 2025.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria Psicologias em Movimento - v.6, n.1: Jan-Jul, 2026

queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 78.

LOURO, Guacira Lopes. **Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação**. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, dez. 2001.

NOGUEIRA, Conceição. **Um novo olhar sobre as relações sociais de gênero: feminismo e perspectivas críticas na psicologia social**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

BIODADOS

Kemyle Alves Moreira

Acadêmica do 10º período do curso de Psicologia do Centro Universitário Alfredo Nasser, no semestre letivo 2026/1. E-mail: kemyle.alves@gmail.com.

Vinicius Novais Gonçalves de Andrade

Pós-doutor em Psicologia, Doutor em Psicologia pela PUC Goiás (com período de doutorado sanduíche na Universidade do Porto na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação), Mestre em Psicologia (PUC Goiás). Psicólogo graduado pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Psicanalista. Coordenador do curso de Psicologia do Centro Universitário Alfredo Nasser e docente da mesma instituição. E-mail: viniciusnovais@unifan.edu.br.

Bruno Fiuza Franco

Mestre em Psicologia. Psicólogo. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Alfredo Nasser. E-mail: brunofiuza@unifan.edu.br